



Sons e silêncios⁽⁵⁾

O que se queima na Queima?

M. HELENA VIEIRA

As festas da Queima das Fitas (ou, em Braga, do Enterro da Gata), representam talvez um dos mais visíveis vestígios das celebrações dos ritos de passagem na nossa sociedade. A ideia do terminar de um ciclo e passagem para outra fase da vida é celebrada de uma forma marcante, e colectiva. Como em todos os ritos, as diversas manifestações assumem um carácter simbólico, e concretizam-se num espírito de *re-ligação* da realidade ao símbolo, espírito esse que se pode designar, em sentido lato, por *religioso*.

O propósito daquilo que é *simbólico* (que une, por oposição a *diabólico*, que divide) é precisamente manifestar ou evocar uma realidade ausente ou conceptual, de forma compreensível para todos. O propósito da Queima das Fitas será, obviamente, celebrar o fim da vida académica e a entrada na vida profissional. Muitos dos excessos que se verificam, num fervilhar carnavalesco que parece por vezes querer ultrapassar todos os limites, manifestam, contudo, um desequilíbrio entre o peso exagerado de um passado de esforço e estudo, e a incógnita de um futuro incerto. A simbologia desta tensão tende a pender mais para a sátira do passado estudantil e da ameaça de um futuro de desemprego, do que, como no passado e como noutros países, para a representação de uma capacidade de intervenção social activa e voluntária, apostada no futuro. (Sublinhem-se algumas excepções que começam a

survir, como é o caso das Associações Académicas do Porto e de Coimbra, que promovem peditórios a favor da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral).

Este desequilíbrio, que leva a que a psicologia actual aponte a Queima das Fitas como um "ritual quase de fim de adolescência", a qual se prolonga cada vez até mais tarde (Eduardo Sá. JN, 6.5.2001), tem encontrado no mercado um enorme e corrupto aproveitamento comercial – o patrocínio das festas pelas cervejeiras. A título de exemplo, refira-se a semana da Queima coimbrã, com um orçamento global de 250 mil contos, um consumo de 90 000 litros de cerveja, e uma média diária de 60 atendimentos a estudantes alcoolizados ou em coma alcoólica. A intenção anunciada no Plano Nacional de Alcoologia, aprovada em Novembro de 2000 pelo Conselho de Ministros, de acabar com estes patrocínios, ainda não passou disso mesmo – uma intenção. Fomenta-se, assim, um processo de obnubilação dos sentidos e do pensamento, em tudo contrário à simbologia destas festas, e nada abonatório para a imagem dos futuros profissionais que, pela primeira vez, desfilam publicamente.

É inevitável, sobretudo para quem se preocupa com questões de cultura, comparar o milhão de contos a que ascendem as verbas dispendidas pelas cervejeiras e pelo poder local, nas queimas das fitas do país, e respectiva aplicação, com as verbas dispendidas com a cultura ao longo do ano. Em países como os EUA o álcool é proibido nas cerimónias de "graduação", tal como em qualquer edifício ou residência universitária.

As cervejeiras, tal como a outras empresas privadas, resta financiarem actividades culturais com impacto duradouro, como concertos, concursos, teatro e exposições, patrocínio esse premiado com generosos benefícios fiscais.

Não se trata aqui de defender para a Queima apenas um conjunto de espectáculos que, em Portugal, ainda são vistos como reservados a uma elite. Mas é óbvio que é preciso investir alguma coisa em espectáculos de qualidade, para ajudar a desenvolver o espírito de criatividade nas populações. Sobretudo, numa cidade como Braga que, nas últimas décadas, não tem produzido grandes criadores... É que um quadro, um livro, ou uma obra orquestral exigem um grande esforço de concentração. A corrente da vida tem que parar, para que se faça uma pausa no tumulto das emoções. Nada é mais contrário à arte, do que o ruído causado por um aglomerado de vidas preocupadas exclusivamente com o sucesso económico e profissional. Vidas que param ao

domingo de manhã para levar as crianças aos baloiços de plástico sobre relvados de borracha.

Numa cidade fazem falta outros cursos e outras profissões, outros espectáculos e outras ambições. Outros silêncios e outras paragens... Outros sossegos e outras paisagens... Numa cidade, procura-se também outra cultura, uma cultura da alegria enquanto resultado do esforço e da vontade, uma alegria conquistada, em vez de uma pseudo-alegria de devaneio inconsciente. Procura-se uma população que busque a alegria que se encontra no exercício das artes, na paciência ambiciosa devotada a um coro, a uma pintura ou à memorização de um poema ou de um texto dramático. Procura-se uma educação que fomente o desenvolvimento dessa alegria e um poder autárquico que nela invista, com perseverança e sentido de futuro. Procura-se a música como alegria de viver o rigor daquilo que é governado *voluntariamente*, em vez da música enquanto *febre de evasão*. Uma música que, ao

contrário do que defende Nietzsche nas *Origens da Tragédia*, não está condenada à esfera dionisíaca, mas é capaz de fazer a ponte entre o tumulto do corpo e a focalização em objectivos que o ultrapassam. (*Il ne faut pas voir la réalité telle que je suis...* diz Paul Éluard).

Procura-se uma Queima capaz de produzir espectáculos que mobilizem e sensibilizem toda a população, em vez de se fecharem no consumo próprio. Uma Queima que convide os Tet Vocal, em vez das Baby...; o Coral de Letras da Universidade do Porto, em vez dos Xutos e Pontapés...; o Laginha, em vez do Netinho... Poderão dizer-me que é uma questão de gosto pessoal, e que se dá às pessoas aquilo de que elas gostam. Mas o gosto também se educa (sobretudo quando se tem milhares de contos para gastar)... E a última vez que ouvi defender essa teoria, foi a propósito da televisão. E dessa, estamos a gastar?...

Sugestões de Concertos

Quinta-feira, 17 de Maio - Guimarães - Paço dos Duques, 21.30h: Paulo Gaio Lima (violoncelo) e Miguel Borges Coelho (piano)

Sexta-feira, 18 de Maio - Guimarães - Paço dos Duques, 21.30h: Trio Lov

Sábado, 19 de Maio - Guimarães - Auditório da Universidade, 21.30h: Orquestra Sinfónica Juvenil

Domingo, 20 de Maio - Braga, Instituto de Estudos da Criança, 18.00h: Grupo Coral Cantata. Dir. Carla Simões. Entrada livre.

Segunda-feira, 21 de Maio - Braga, Instituto de Estudos da Criança, 21.30h: Recital de violoncelo por Bruno Cardoso. Obras de Britten e Kodaly. Integrado no Programa Recitais de Jovens Músicos. Entrada livre.

Domingo, 27 de Maio - Famalicão - Fund. Cupertino de Miranda, 18.30h: Helena Pereira (violino) e Anabela Ribeiro (oboé). Integrado na VIII série de Recitais de Jovens Solistas da escola profissional Artave.